

# VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 4 / nº 11 / 2º trimestre letivo de 2020



Alunas Beatriz Pimentel,  
Laís Bazolli e Daniela Lo,  
do Ensino Médio, conversam com  
a professora Michele Rodrigues.

## Índice

↶ Esse símbolo indica item clicável.

# Nesta edição, você encontrará:

[pág. 3] Fala, Vital • • Dicas [pág. 5]

• • Inglês [pág. 11]

[pág. 15] Médio • •



# Avanços e aprendizados

Vencemos o primeiro desafio. Contamos com vocês para o próximo: o retorno às aulas presenciais.

## Caros amigos.

Em 2020, um vírus transformou todos nós em aprendizes. Todos, sem distinção de idade, tivemos de aprender novas habilidades e comportamentos que provavelmente não de se tornar comuns, daqui para a frente, e de reaprender antigos valores, como a importância do convívio na formação do indivíduo, o senso de responsabilidade pelo bem comum e a busca pelo conhecimento. Valores que têm, na escola, o solo mais fértil para crescer.

Para preservar esse solo, especialistas do mundo inteiro se mobilizaram para encontrar soluções que permitissem salvar vidas sem comprometer a educação de mais de 1,5 bilhão de estudantes que ficaram fora da escola devido à COVID-19. E nós, do grupo Godoi Educacional – formado pelos colégios Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil –, fomos junto aprender com o mundo.

Desde o início da pandemia, temos acompanhado estudos de órgãos internacionais como a OMS (Organização Mundial da Saúde), a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), bem como seguido as orientações das principais instituições científicas do País, para entender não só os aspectos sanitários da doença mas, sobretudo, seu impacto na Educação.

Parar não era uma opção. Se o ensino 100% a distância não é ideal, interromper a escola por meses seria muito pior. Sem o hábito regular dos estudos e o vínculo, ainda que virtual, com colegas e professores, as perdas no rendimento e no ritmo do aprendizado seriam muito grandes.

Assim, com a compreensão e o esforço de todos, concluímos o semestre letivo tendo dado conta de quase tudo que estava previsto em nosso planejamento. No processo, realizamos antigas metas que a crise veio antecipar. A emergência nos obrigou a adotar de vez certas lógicas

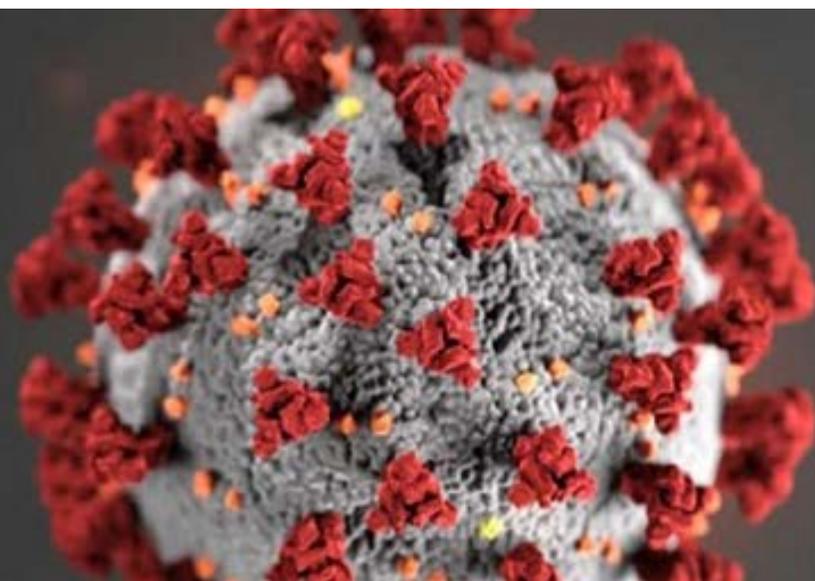
de aula mais contemporâneas, como o “ensino híbrido”, que mescla momentos de aprendizado *on-line* e *off-line*, e a “sala de aula invertida”, em que a exposição do aluno ao conteúdo se dá prioritariamente pelo estudo individual, e os momentos de interação da turma são usados para exercícios e debates.

Esse foi o primeiro desafio. O próximo será o retorno às aulas presenciais. Rever os amigos virá acompanhado de restrições com que ainda não estamos acostumados e as quais teremos de aprender. Abraços serão menos frequentes; rotinas de higiene, mais rígidas. Não será simples.

Por isso, entre as diretrizes do nosso protocolo para o segundo semestre – que ainda terá uma parcela de ensino remoto e sistema de rodízio de alunos – está conciliar demandas acadêmicas com momentos de acolhimento emocional e psicológico. A Educação Física deverá ser prioridade, justificada pelos meses em que a maioria foi privada de atividades essenciais para a sua formação integral. Quanto ao conteúdo acadêmico, prevemos avaliações diagnósticas presenciais para aferir, com maior precisão, o aprendizado construído nos últimos meses. E, possivelmente, uma redistribuição do conteúdo entre este ano e o próximo, para suprir qualquer lacuna na formação dos alunos (as 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio, por essa razão, terão prioridade de atendimento presencial).

Enfrentaremos esse próximo desafio como fizemos com o primeiro: buscando com os especialistas as melhores práticas do que será o novo normal do ambiente escolar, e nos mantendo fiéis aos mesmos valores que nos trouxeram até aqui.

**Como sempre, contamos com vocês.**



**“Especialistas se mobilizaram para encontrar soluções, e nós fomos junto aprender com o mundo.”**

# Como voltar a frequentar o Colégio com segurança?

Por **Sabrina Kozera Gianesella**,  
enfermeira gestora  
do ambulatório  
do Vital Brazil.

No retorno às aulas presenciais, o Vital Brazil adotará as medidas necessárias para reduzir riscos de contágio pelo novo coronavírus e promover a segurança de todos nas dependências do Colégio. Mas, do outro lado dos portões, no trajeto Casa-Vital-Casa, cada um também deve fazer a sua parte.

**1 NA DÚVIDA, PREVINA.** Todo dia, antes da escola, verifique se seu filho está com febre ( $\geq 37,5$  °C). Se sim, fica em casa. Demonstra sintomas ou sinais atípicos, como espirros e tosse? Fica em casa. Teve contato com familiares diagnosticados com a COVID-19? Fica em casa. A opção do ensino remoto está aí para respeitarmos esse momento de cautela.

**2 SE NECESSÁRIO, CONSULTE UM MÉDICO.** Se nas últimas 24 horas seu filho teve febre e/ou outro sintoma, busque um serviço de saúde. Se estiver em tratamento ou acompanhamento por outra questão de saúde, peça orientação ao médico responsável e nos mantenha informados.

**3 CALCULE QUANTAS MÁSCARAS SEU FILHO DEVE LEVAR À ESCOLA.** Que sejam suficientes para troca a cada 2 horas, se possível com uma sobressalente. Sugerimos que o aluno já esteja de máscara ao sair de casa e, a depender do trajeto, faça a primeira troca ao entrar no Colégio.



## 4 LIMITE O MATERIAL ESCOLAR AO NECESSÁRIO.

Pedimos que deixem mochilas, estojos, lancheiras e brinquedos em casa. O aluno deve levar para a escola apenas o material básico definido pela equipe pedagógica (lápiz, caneta, borracha, etc.); embalagem plástica com máscaras; lanches e sucos em saquinhos ou embalagens descartáveis após o consumo; copos ou garrafas de água, de uso pessoal e intransferível.

## 5 NA VOLTA PARA CASA, OBSERVE O RITUAL DE HIGIENE.

Além de se manter de máscara no trajeto, ao entrar em casa, é preciso lavar bem as mãos; retirar máscara, sapatos e roupas; e tomar banho – nessa ordem.

## 6 MANTENHA E LAVE AS MÁSCARAS SEPARADAS DAS OUTRAS ROUPAS.

Idealmente, passar a máscara com ferro após a lavagem. Recomenda-se que se renovem as máscaras a cada 30 lavagens.

## 7 ORIENTE E SUPERVISE SEU FILHO NA MANUTENÇÃO DOS NOVOS HÁBITOS.

É preciso que os novos rituais de asseio e higiene e a etiqueta respiratória se tornem rotina. Preservar a saúde individual e coletiva é responsabilidade de todos.



# Juntos, a distância

Alunos descobrem o valor do grupo e do autoconhecimento nos meses de quarentena.



Alunos da profa. Rute Smirnovas Ortega Anjos, do 2º ano B, se reveem pelo Zoom.

**Aquela não seria uma aula como outra qualquer.** Uma aluna havia chegado a sonhar com aquele dia, vários fizeram questão de colocar uma roupa especial, houve até quem usasse perfume para a ocasião. Faltando poucos minutos para a hora marcada, os alunos da professora Eliane Santana, do 2º ano do Ensino Fundamental, já não estavam mais conseguindo prestar atenção ao conteúdo de Ciências que ela tentava passar. “Professora, quando é que vai começar!?”

A ansiedade da turma tinha explicação. Depois de dois meses de aulas remotas pelo modelo webinar, em que só as professoras apareciam na tela do computador, os alunos do 2º ao 5º ano do Vital finalmente iriam rever uns aos outros. A partir daquela semana, a última de maio, o Fundamental I passou a incluir na grade de aulas a distância *lives* no modelo videoconferência, com todas as câmeras abertas, para tratar de temas que, no contexto da quarentena, haviam se tornado tão ou

mais importantes que as demais disciplinas: os sentimentos de cada um.

Se o contexto era novo, a ideia por trás daquelas aulas especiais não era. Na verdade, tratava-se da continuidade de um projeto iniciado em 2018, que consiste na realização de assembleias entre os alunos, em que cada um fala abertamente de questões que os afligem, como conflitos e dificuldades de relacionamento, para chegar a acordos e aprendizados sobre as regras do bom convívio social. “É um momento importante em que as professoras tratam de questões socioemocionais das crianças”, diz Vanessa Inagaki, coordenadora assistente do Fundamental I. “Mas, neste ano, a situação do isolamento se impôs como tema principal: usaríamos a prática das assembleias para refletir sobre como eles estavam se sentindo, confinados em casa”.

Elaborado com a assessoria da psicóloga Flávia Vivaldi, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o projeto parte do princípio de que, por meio de diálogos mediados, as crianças entendem melhor o que sentem, dando nome às próprias emoções, identificando-se com as dos colegas e, sobretudo, aprendendo a lidar com elas de maneira construtiva. A novidade deste ano foi que, se antes o objetivo havia sido promover a convivência ética entre alunos, em 2020 o projeto teve a função adicional de dividir as angústias do distanciamento social, renovar o vínculo com a escola e proporcionar uma necessária injeção de positividade em todos.

Para Káthia Kobal, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I, o projeto das assembleias foi retomado na hora certa, no fim de maio, quando os alunos já haviam se acostumado com o ambiente virtual de aulas; e as famílias, com a rotina da quarentena. Por outro lado, já não era sem tempo. Como as professoras atestam, a saudade sentida por todos era enorme, e somente a oportunidade de escutar – e enxergar! – uns aos outros seria capaz de serenar o ânimo das turmas.

**“Ouvi de várias mães que foi muito importante para os filhos ver os colegas novamente.”**

**Profa. Leticia Martinho,  
3º ano EF**



## Explosão de sentimentos

“Classifico esse momento como um marco: antes e depois das aulas pelo Zoom”, diz a professora do 4º ano Angélica Tironi, referindo-se ao aplicativo utilizado no projeto. Segundo ela, semanas antes, a equipe havia passado questionários para os alunos dizerem quais assuntos gostariam de tratar nas assembleias, e a resposta quase unânime havia sido a saudade – de parentes, amigos e professores. Um sentimento que, compreensivelmente, estava começando a afetar a disposição dos alunos para as aulas e até a saúde mental de alguns.

“Ouvi de várias mães que foi muito importante para os filhos ver os colegas novamente”, diz a professora Letícia Martinho, do 3º ano. “Algumas crianças estavam começando a ficar depressivas, sentindo falta de jogar bola ou andar de mãos dadas com o amigo no intervalo”.

Eram, na verdade, várias emoções embaralhadas: havia a saudade, claro, mas também o tédio, o afeto renovado pela família, a segurança da casa, a ansiedade pela volta e a incerteza do futuro. E todas essas emoções vieram à tona quando as câmeras foram ligadas. “Foi uma explosão de sentimentos”, diz Vanessa Inagaki. “Eles estavam eufóricos, muito felizes”.

“No primeiro momento, nem deu para eu falar”, diz Eliane Santana, do 2º ano. “Eles queriam rever os amigos, comentar o cabelo comprido do colega, mostrar a casa, apresentar o gato, o cachorro. Foi um *show* de bichos”.

Quando reassumiu o controle da “videoassembleia”, Eliane retomou a história do livro *O Monstro das Cores*, da espanhola Anna Llenas, que havia sido indicado como leitura para as turmas do Fundamental I na semana anterior. No livro, um simpático monstrinho um dia acorda se sentindo “estranho, confuso, aturdi-do” – cheio de emoções que a ilustradora representa em vários rabiscos coloridos. Com a ajuda de uma amiga, ele aprende a separar suas emoções em potes,

O monstro das cores

ANNA LLENAS



cada pote de uma cor: verde-calma, vermelho-raiva, amarelo-alegria, azul-tristeza, etc.

“Eu pedi aos alunos que mostrassem objetos das cores que estavam sentindo. Teve criança que mostrou todas as cores; teve outras que escolheram o azul, dizendo-se ‘muito tristes’”, lembra a professora, que, então, pediu à turma sugestões para ajudar os colegas. “Uns diziam que gostavam de ver filme com pipoca; outros de ouvir música. O importante de identificar o que se está sentindo é isso, pensar no que se pode fazer para lidar com tal sentimento”. “É uma habilidade de autorregulação emocional que nossa geração não aprendeu na escola”, diz Letícia.

“Um dos meus alunos começou a chorar”, diz Angélica. “E sabe o que é interessante? *Nenhuma* criança fez comentários jocosos, todas deram apoio ao colega”. A própria professora vai às lágrimas ao se lembrar da lição de maturidade e solidariedade de sua turma de 4º ano. “Depois, no *chat*, um aluno escreveu: ‘Mesmo com uma emoção negativa, a esperança sempre tem de estar presente’”.

Começavam ali aulas de empatia e respeito ao outro – competências socioemocionais já trabalhadas nas assembleias presenciais do projeto de convivência ética –, mas agora também de resiliência, de adaptação a uma situação difícil para todos, mas que pode ser suportada quando todos se dispõem a dividir o peso. “O projeto foi essencial para eles preservarem o vínculo com os colegas e as professoras, renovarem os ânimos e as esperanças e se sentirem pertencentes ao grupo: ‘Eu faço parte dessa turma, eu sou Vital Brazil’”, diz Vanessa.

- 1 Iniciado em 2018, um projeto de rodas de conversa e assembleias nas turmas do 2º ao 5º ano promove discussões e aprendizados sobre valores e regras da vida em sociedade.
- 2 Na quarentena, as assembleias passaram a ser realizadas via Zoom – uma oportunidade aos alunos de se reverem, compartilharem experiências e renovarem o vínculo com o grupo.
- 3 O projeto os ajudou a compreender melhor suas emoções, a lidar com as angústias do isolamento, a desenvolver a empatia e a fortalecer os ânimos uns dos outros.

# O que aprendemos com o futuro

Projeto de Inglês faz alunos imaginarem como será o mundo daqui a 10 anos.

**Daqui a 10 anos, Ana Giovanetti viverá em uma casa ecológica com carro elétrico na garagem** – isso, se tiver carro, já que, em um mundo repleto de parques e áreas verdes, as pessoas preferirão caminhar ou utilizar o transporte público. Raphael Araruna estará na faculdade de Medicina, estudando para cuidar de uma população bem mais saudável que a de hoje, com bons hábitos de higiene e alimentação e consciente do valor das relações humanas para uma vida mais plena e feliz.

Com uma diferença de três anos de idade entre os dois – ela tem 15 anos e é aluna da 1ª série do Ensino Médio, ele tem 12 e estuda no 7º ano do Fundamental –, Ana e Raphael expressam uma visão esperançosa, mas não desinformada, do futuro. Para ambos, as escolhas erradas que a humanidade tomou até o presente são evidentes, resultando na pandemia atual e em outros impactos sentidos no planeta, como a poluição, o aquecimento global e a fome. Ainda assim, eles creem que, a partir desses erros, o ser humano tomará caminhos alternativos.

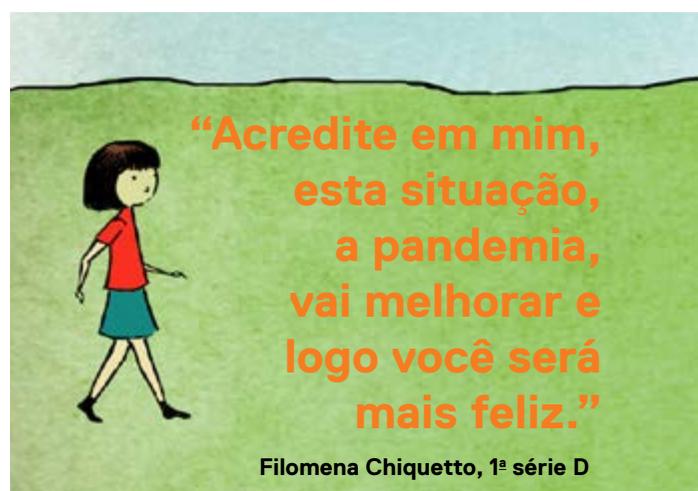
“Às vezes, temos de perder algo para nos dar conta do seu valor”, dirá a Ana do futuro. “Levou 10 anos para organizar a bagunça”, recordará Raphael. “Mas conseguimos sair dela mais fortes e melhores”.



Pelo menos, essas são as previsões contidas nos textos que eles escreveram, em inglês, para participar do concurso internacional de redação organizado pela Goi Peace Foundation, entidade ligada ao governo do Japão e à Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), cujo tema para 2020 é *A Letter from Myself in 2030* (“Uma carta de mim mesmo em 2030”). É o segundo ano que alunos do Vital participam do concurso, no qual concorrem crianças e jovens de até 25 anos de vários países. E é a segunda vez que o Departamento de Inglês do Colégio aproveita o tema do concurso para provocar, entre os alunos, reflexões sobre um mundo melhor e uma cultura de paz (em 2019, o tema propunha a criação de uma sociedade mais gentil).

“Achei o tema deste ano extremamente oportuno”, diz a professora Mônica Chiquetto do Lago. Para ela, “não faz sentido pensar no futuro sem refletir sobre o presente” – e o presente, como todos sabem, tem sido uma das épocas mais instigantes da história recente. “Em todos os grupos para os quais dou aula, a resposta foi imediata. Até as turmas mais tímidas sentiram-se motivadas a participar”.

Neste ano, 14 alunos inscreveram redações no concurso da Goi Peace Foundation (cujos resultados serão divulgados em outubro), mas o assunto foi mote de discussões em todas as turmas de alunos do 6º ano à 3ª série do Médio (dos estágios Intermediate 1 ao CPE). “Como é constante no Vital, usamos a língua não só como objeto de estudo (*aprender Inglês*) mas também como instrumento de reflexão (*aprender em Inglês*)”, diz a coordenadora do Departamento, Mônica Lemos.



“Eu fiquei tocada com a profundidade de sentimentos abordados”, diz a professora Paula Marreiros, comentando o que ouviu de seus alunos nas *lives* sobre a vida na quarentena, suas angústias e esperanças em relação ao futuro. “Tinha de tudo: alguns relatavam estar bem; outros, confusos,

tristes... Uma aluna disse estar vivendo uma *roller coaster of emotions* (“montanha-russa de emoções”). Segundo Paula, as professoras buscaram conduzir as conversas para um horizonte mais positivo, em que as dificuldades do presente motivassem ação, aprendizado e mudança.

“Muitos relataram que a família passou a realizar ações de ajuda para necessitados, como doações”, diz Mônica Chiquetto. “Outros resolveram fazer cursos *on-line* e aprender novas habilidades, como um novo idioma ou culinária, por exemplo”.

### **“A felicidade é uma escolha”**

A filha de Mônica, Filomena Chiquetto, colega de Ana na 1ª série D do Ensino Médio, foi uma das que escreveram a “carta para si mesmo” para participar do concurso. Definindo o momento atual da pandemia da COVID-19 como “o extremo da incerteza”, Filomena diz ter achado o tema difícil. “Não sei nem como será amanhã, quanto mais daqui a 10 anos”, avalia a estudante, que, em vez de prever um futuro de grandes transformações, preferiu propor a si mesma acreditar no que ela pode, efetivamente, mudar: sua postura diante dos desafios.

“Os problemas não foram resolvidos”, diz a sua carta. “Corrupção na política (há muita), injustiças (nem tudo acontece como planejamos) e mortes não desapareceram nem vão desaparecer, mas você pode mudar a forma como luta contra elas”. Mais adiante, ela escreve: “Acredite em mim, esta situação, a pandemia, vai melhorar e logo você será mais feliz (mas não para sempre, pois isso não é um conto de fadas)”.

É uma perspectiva parecida com a de Daniela Lo, da mesma turma de Ana e Filomena, cuja versão 10 anos mais velha, como numa história de ficção distópica, escreverá de um mundo “mais frio”, “insano” e “longe do ideal” – o qual, no entanto, talvez seja possível salvar, se cada um fizer a sua parte. “Meu objetivo é lhe dar esperança, inspirá-la a mudar [...] o mundo terrível em que eu vivo”.

Para isso, Daniela espera contar com as lições que a quarentena tem proporcionado. “O isolamento muda as pessoas bastante, pelo menos, mudou a mim completamente. Ele me fez repensar a vida e os relacionamentos”, escreve a jovem, ecoando um sentimento que a equipe de Inglês ouviu de quase todos os alunos. Em turmas de todos os níveis, do básico ao mais avançado, família, amigos e até animais de estimação predominaram nos depoimentos dos alunos, como aquilo pelo que diziam ser mais gratos, assim como o fato de terem casa, comida e saúde. A quarentena os lembrou de que a vida não precisa de grandes transformações ou conquistas materiais para ser feliz – ou, como escreverá Daniela Lo numa carta de 10 anos no futuro, “a felicidade é uma escolha”.

São reflexões só aparentemente simples, mas que revelam aprendizados fundamentais, que têm como base um bom conhecimento de mundo – Ana Giovanetti, por exemplo, diz ter usado a pesquisa que apresentou na Mostra Cultural de 2019, sobre os pilares do desenvolvimento sustentável, na formulação de sua carta –, mas também, principalmente, autoconhecimento.

“Acho incrível eles pensarem dessa forma, de que a mudança do mundo começa no interior de cada um”, diz a professora Paula Marreiros. “É uma visão realista, pé no chão. Mas não sem esperança”.

1 Pelo segundo ano consecutivo, alunos do Vital participam do concurso internacional de redação da Goi Peace Foundation, com redações em inglês.

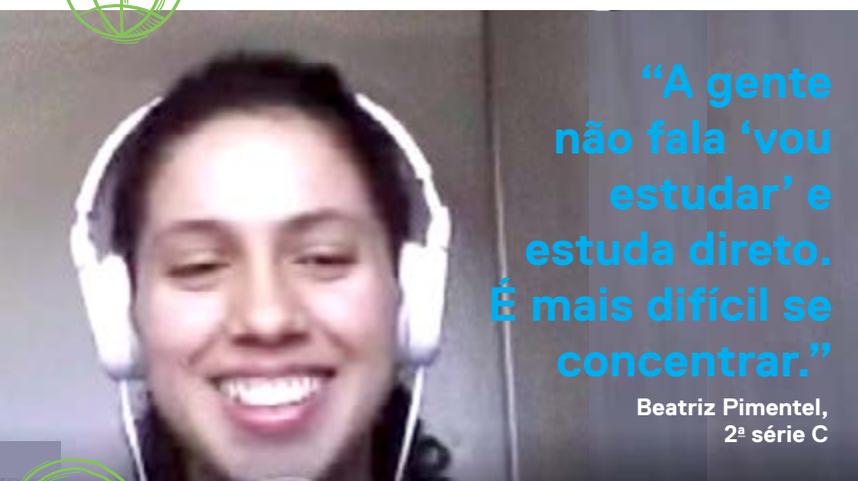
2 A partir do tema do concurso – *A Letter from Myself in 2030* –, o Depto. de Inglês promoveu discussões com os alunos do 6º ano à 3ª série sobre como imaginam o futuro.

3 As conversas provocaram importantes reflexões sobre as lições da pandemia, o desenvolvimento sustentável do planeta e o valor das relações humanas.

# A descoberta de si mesmos

Apesar do medo, alunos avançam nos estudos com mais maturidade do que antes da pandemia.

**Assistir a aulas em casa não é fácil para todo mundo** – ainda mais para alguém que, como Beatriz Pimentel, teve mais de uma década para se acostumar à escola presencial. Aluna da 2ª série do Ensino Médio do Vital Brazil, Beatriz admite ter tido dificuldades no começo da quarentena, principalmente em conciliar o tempo dedicado às aulas ao vivo (*lives*) e aos roteiros de atividades com o tempo dos estudos para as provas. Para dar conta de tudo, não raro Beatriz cumpria um expediente de quase 12 horas diárias, das 7h30 às 19h, às vezes tomando também os fins de semana.



“A gente não tem a mesma produtividade do presencial”, diz a jovem. “A gente não fala ‘vou estudar’ e estuda direto. É mais difícil se concentrar. Tem o celular do lado, vou dar uma olhadinha.

Dou um passeio pela casa, olho pela janela, fico ali cinco minutos, ‘brisanando’...”

Daniela Lo, da 1ª série do Médio, também relata um período de agenda apertada, com dias de estudo se alongando até as 23h, quando as matérias se acumulavam. “É mais difícil para mim, porque, mesmo que sejam 30 minutos de videoaula, tem coisa que eu não entendo, aí vou parando, voltando, demora mais”, diz a aluna. Já Laís Bazolli, da 3ª série, além de também ter passado “duas ou três semanas perdida” até se organizar, ainda tinha uma preocupação adicional: a preparação para o vestibular. Para Laís, estudar noite adentro era sofrido (“minha cabeça não funciona mais, não tenho foco”) e o computador que ela tinha à disposição era muito antigo.



Passados três meses da nova realidade, porém, as três haviam chegado a soluções satisfatórias para seus problemas. Se não conseguia “estudar direto”, Beatriz descobrira que as pausas de 15 minutos entre uma aula e outra a ajudavam a “fixar melhor o conteúdo”, e até no sono percebera

ganhos, já que podia dormir um pouco mais pela manhã, acordar às 7h e estar pronta para a primeira aula em 30 minutos. Já Daniela, tendo montado agenda e cronograma

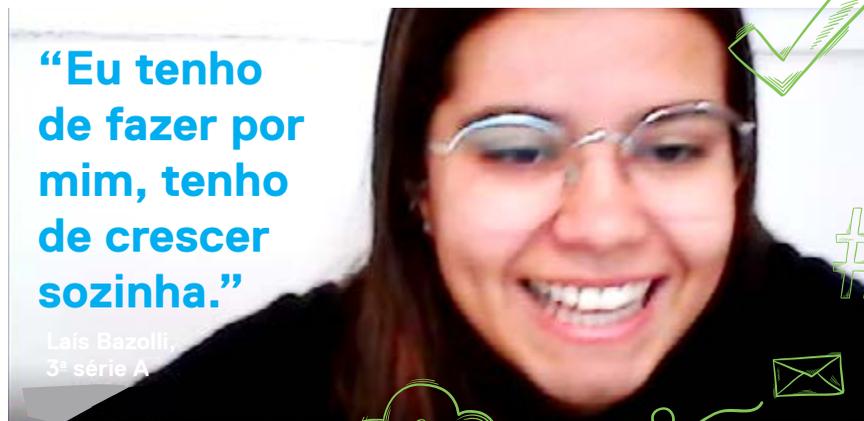
próprios, com alarmes de hora em hora, pôde não apenas se manter em dia com os estudos como reservar momentos para atividades físicas e convívio com a família. E Laís, sabendo-se mais produtiva pela manhã, passara a acordar bem cedo, ao passo que um computador novo recebido dos pais eliminara a limitação tecnológica.

Mais do que atender às demandas da escola, no entanto, o que Beatriz, Daniela e Laís fizeram foi algo de maior valor. Elas se dedicaram ao estudo como um compromisso pessoal, não com o Colégio, mas com o próprio aprendizado. Confinadas em casa, elas – e os outros alunos do Vital, em especial do Ensino Médio – assumiram o protagonismo da própria história.

### Desligando o piloto automático

Que seria um desafio se adaptar ao ensino remoto era esperado. Todavia, para o coordenador do Ensino Médio, André Rebelo, parte da dificuldade sentida pelos alunos deveu-se, na verdade, a uma falsa impressão de sobrecarga de estudos.

“O aluno acha que a carga é maior porque na escola o processo era feito junto com professor”, diz André. Segundo ele, a presença dos professores dando aula, cobrando lições ou passando exercícios em sala fazia parecer que o aprendizado era ativado pelo professor



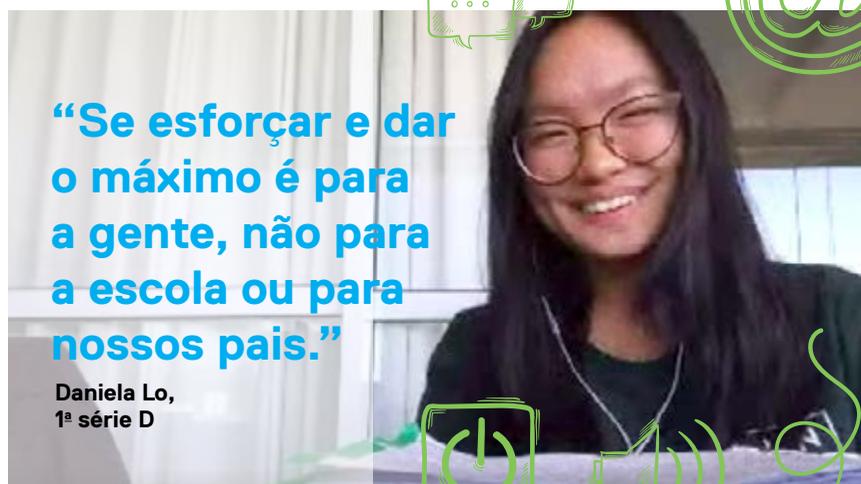
e que ao aluno cabia apenas ser mais ou menos responsável. “Ele não pensava tanto na carga porque era rotina. Mas aí você desliga o automático e sente que a responsabilidade de ativar o processo é sua”.

Sempre foi, ressalta o coordenador. A quarentena só tornou evidente que prestar atenção na aula, dedicar-se aos estudos e até mesmo fazer provas sem colar não são questões de oportunidade (*o que posso fazer*), mas de iniciativa pessoal (*o que devo e quero fazer*). E isso, apesar de trazer ganhos – como a oportunidade de organizar a rotina em torno de horários e condições mais produtivos para cada um –, tem um peso. “O aluno tem de se perceber autor das próprias escolhas”, diz André.

Para quem acabara de iniciar o Ensino Médio, foi uma lição de grande valia. “Ajudou a entender que se esforçar e dar o máximo é para a gente, e não para a escola ou para nossos pais”, diz Daniela Lo. “Ou a pessoa vai lá e rala, ou não entende mais a matéria e começa a descer ladeira abaixo”. Na outra ponta do ciclo, Laís concorda: “Eu tenho de fazer por mim, tenho de crescer sozinha”.

Mas “fazer por si” e “crescer sozinha” não são a mesma coisa. Segundo André, mesmo distante, o Vital ofereceu suporte aos alunos tanto em questões acadêmicas – com os professores em contato frequente com

cada um e respondendo a todas as dúvidas pelos *chats* – como em reuniões virtuais com a Coordenação, para ajudá-los a montar rotinas de estudo mais produtivas ou a pensar seus projetos de vida. “Quem mais participava foi criando um vínculo maior e teve desafios menores na adaptação”, diz o coordenador. Isso sem falar na possibilidade de os alunos se reunirem em grupos virtuais para trocar informações e experiências ou estudar juntos. Sozinhos, eles nunca estiveram.



Ainda assim, mesmo entre os mais participativos, o ensino remoto gerou incertezas. Segundo Beatriz, uma pesquisa entre alunos da 2ª série descobriu que a maioria sentia alguma inadequação com o modelo. “A gente sente que não está aprendendo da mesma forma, a absorção não tem sido a mesma”, diz a jovem. E para os concluintes, como Laís, o medo de não aprender ainda vinha crescendo do risco de, quando ocorrerem o vestibular e o Enem, que podem ser adiados em meses, o que se aprendeu já ter sido esquecido.

Para André, tal temor é mais um reflexo da falta da presença física, reconfortante, dos professores. “É o fato de não ter ninguém ali, cobrando. Mas eles estão aprendendo, sim”. Já a professora de Geografia e Sociologia, Michele Rodrigues, assegura: “O conhecimento escolar é espiralado. Conforme ele aumenta, vocês vão vendo coisas que já viram, só que de forma mais aprofundada. Então, tranquilizem-se: o que vocês estudam na 1ª e 2ª séries, vocês vão rever”.

E quem está na 3ª série? Segundo Michele, quem faz as lições e avaliações “com afinco e compromisso” tem uma boa medida do aprendizado, que está, sim, acontecendo.

Para Laís, que adotou o hábito de fazer fichas de revisão de tudo que estuda, o risco está controlado. “Já me planejei para todo dia das férias pegar uma matéria e revisar as fichinhas, para sempre ter o assunto em mente”, diz a aluna, que acredita ter dobrado seu empenho pelos estudos na quarentena. “Essa vontade de estar com tudo em dia, acho que é o que mais vai ficar desse período”.

- 1 Após um período de adaptação ao ensino remoto, alunos do Médio superaram as dificuldades iniciais ao assumir para si a responsabilidade sobre o próprio aprendizado.
- 2 Além da lição de autonomia, a quarentena trouxe ganhos como a oportunidade de organizar a própria rotina em horários e condições mais produtivos para cada um.
- 3 Ainda que o ensino remoto não seja o ideal, a maturidade, o foco e o empenho conquistados no período devem perdurar mesmo quando voltarem as aulas presenciais.



## O empenho de todos

Como o Vital conseguiu transpor o projeto pedagógico para o ensino remoto em questão de dias.

**A notícia veio na sexta-feira, 13 de março: em dez dias, as escolas de São Paulo iriam parar.** Por ordem do governo do Estado, a partir da segunda-feira, 23, instituições das redes municipais e estadual de ensino suspenderiam as atividades presenciais, sem previsão de retorno, com orientação semelhante sendo passada às escolas particulares, em prol do combate à pandemia da COVID-19.

Naquele momento, o Vital Brazil tinha a opção de implementar, em uma semana, uma plataforma de ensino remoto que atendesse a todos os seus alunos, ou, como outras escolas preferiram fazer, decretar recesso ou antecipar as férias de julho, até que novas medidas fossem tomadas. Mas o Vital decidiu prosseguir. “A ideia de usar as férias para depois resolver o assunto era incômoda, não queríamos jogar a insegurança para o futuro”, recorda-se a mantenedora do Colégio, Cristina Godoi.

Três meses depois, quando as férias enfim chegaram, Cristina veria que havia sido a decisão certa. Uma decisão, porém, que envolvera uma grande aposta: a de que as tecnologias de ensino remoto que o Vital já vinha experimentando, mas pontualmente, em projetos de algumas disciplinas, além de outras medidas emergenciais –

todo um novo projeto tecnológico e metodológico de ensino que poderia levar anos para ser implementado –, tudo estaria “no ar” e operando em questão de dias.

Uma jornada que demandou dos professores a capacidade de superar medos e se reinventar; das famílias, compreensão e parceria fundamentais; e, dos alunos, um elevado nível de autonomia e comprometimento. E que envolveu desafios em cada etapa, da Educação Infantil ao Ensino Médio, que só foi possível vencer com o empenho de todos.

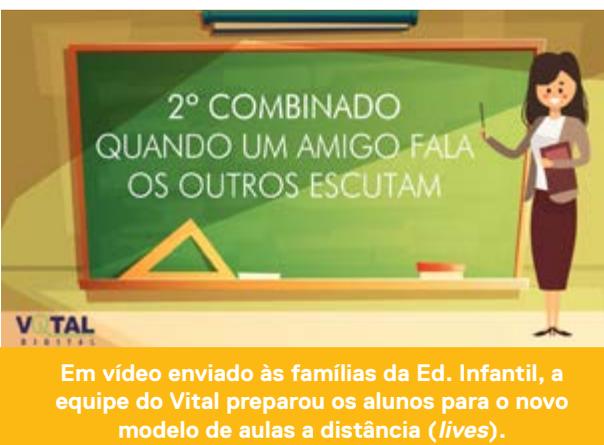
### A importância do vínculo

Em linhas gerais, o “Vital Digital” se estruturou em duas frentes, definidas em termos que logo se tornaram familiares a todos os envolvidos: aulas síncronas e assíncronas. Como os nomes indicam, as aulas síncronas ocorrem ao vivo (*lives*), enquanto as assíncronas são videoaulas e roteiros de estudo *on-line* (exercícios, leituras, atividades) que o aluno acessa quando lhe for mais conveniente.

Segundo Cristina Godoi, todo o conteúdo previsto para o semestre pôde ser contemplado entre

as duas frentes, como melhor atendesse aos objetivos de cada série. Mas, se as *lives* do 2º ano em diante começaram já nas semanas iniciais do ensino remoto, a Educação Infantil e o 1º ano esperaram até maio para as primeiras aulas síncronas. Embora fossem da faixa etária que mais precisa do grupo para aprender, os mais novos foram os últimos a interagir a distância. Havia boa razão para isso.

Conforme a coordenadora Káthia Kopal, o desafio de transferir para o ambiente virtual o processo da Educação Infantil, baseado em experiências concretas da criança na socialização com os colegas, justificava o tempo que a equipe docente teve para se preparar para





as aulas ao vivo. Quanto mais jovens os alunos, afinal, mais complexo é administrar o comportamento e a atenção da turma por 45 minutos – ainda mais do outro lado da tela. “A preparação da equipe foi maior para que, quando começassem, as *lives* fossem de pronto bem-sucedidas”, diz Káthia. “E também para dar tempo às famílias se adaptarem à nova rotina doméstica, já que, nesse segmento, o apoio dos pais é necessário”.

Não que os alunos tenham ficado um mês sem ver as professoras. “Em cada roteiro de estudos que postávamos, iam também vídeos de acolhida”, diz a coordenadora assistente, Cybele Roncato. “Nós saudávamos os alunos, dizíamos estar com saudade, torcíamos para tudo passar rápido, para nutrir esse vínculo afetivo tão importante nessa fase”.

Importante, não só com os alunos. Sobretudo na Educação Infantil, o contato frequente do Colégio, por diversos meios (*e-mail*, *chat*, telefone), foi essencial para que os pais entendessem os objetivos do projeto e colaborassem como podiam para a realização das atividades propostas. “Demos um olhar individualizado às famílias, que também se sentiram acolhidas”, diz Cybele.

Quando começaram as *lives*, em maio, alunos e pais já estavam preparados para fazer daqueles momentos os mais produtivos, respeitando combinados prévios, como, por exemplo, escolher um lugar apropriado da casa (as *lives* da Educação Infantil têm câmeras abertas para todos) e respeitar a vez de fala dos colegas, com os microfones desativados. Foram meses de muito aprendizado para os pequenos, incluindo a sua capacidade de colaborar com o grupo, a distância. Mas eles não foram os únicos a descobrir novas habilidades.

### O aprendizado coletivo

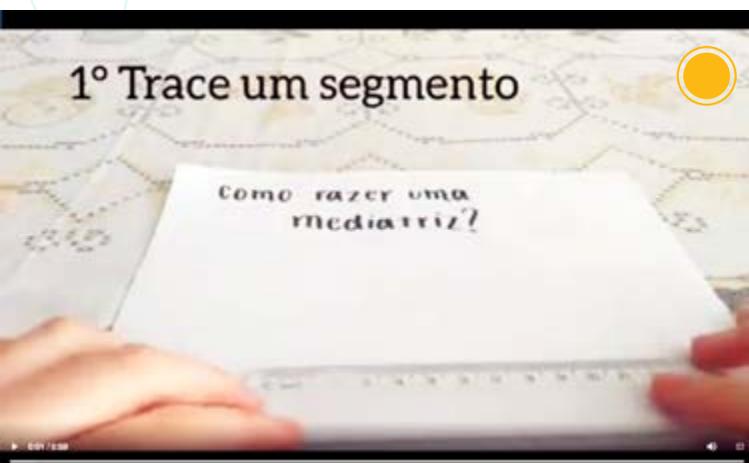
Exceto pela Educação Infantil e por um projeto especial do Fundamental I (*v. pág. 7*), as demais *lives* do Vital Digital seguiram o modelo webinar, em que só o professor aparece em vídeo, e os alunos participam por áudio. Afora essa, contudo, não houve grandes diferenças entre os segmentos. Inclusive quanto à formação

da equipe docente para o ensino remoto. Com maior ou menor grau de familiaridade com o mundo digital, professores de todas as séries tiveram de aprender novos recursos, contornar obstáculos e acostumar-se a uma nova e desafiadora dinâmica de aula.

Tudo teve de ser feito na urgência, com a equipe de Tecnologias Educacionais (TE) ensinando os professores a gravar suas primeiras videoaulas, criar seus roteiros de estudo e utilizar as ferramentas Microsoft Teams e Zoom ainda antes da paralisação. “Fomos consertando o avião em pleno voo”, diz Káthia Kobal, referindo-se ao aprendizado que, com o tempo, foi se manifestando – em vídeos mais dinâmicos, roteiros mais interativos e *lives* conduzidas com maior desenvoltura.

Falar para a câmera, aliás, foi uma das maiores fontes de inquietação da equipe. “Na sala de aula, você tem o retorno imediato dos alunos, percebe pelo rosto se eles estão gostando da aula, se estão entendendo”, diz a professora de Produção de Texto do 7º e 8º anos, Luciana Vilela. Aos poucos, porém, os professores acharam formas de receber *feedbacks* da turma. Luciana prefere deixar os microfones de todos ativados durante a aula inteira (a escolha é a critério de cada professor). “Toda hora pergunto: ‘Estou falando rápido demais? Conseguem me entender? Alguém tem alguma colocação para ajudar?’ Quem quiser interrompe no áudio, não precisa usar o *chat*”, diz ela.

Pedro Paulo (“Pepa”) Siqueira, professor de Matemática do 6º e 8º anos e um dos coordenadores de TE do Colégio, não à toa, é dos que mais se sentem à vontade



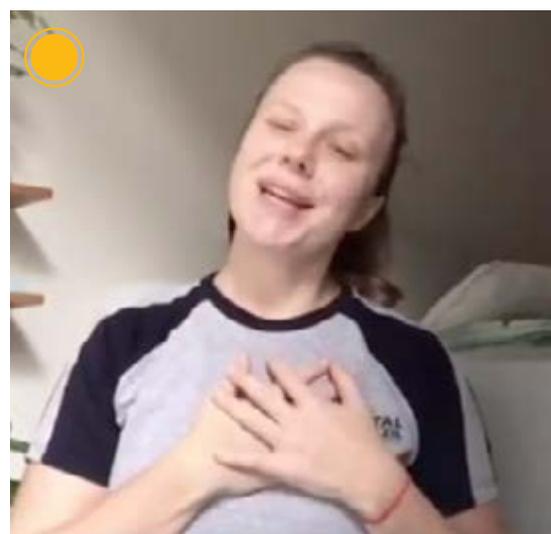
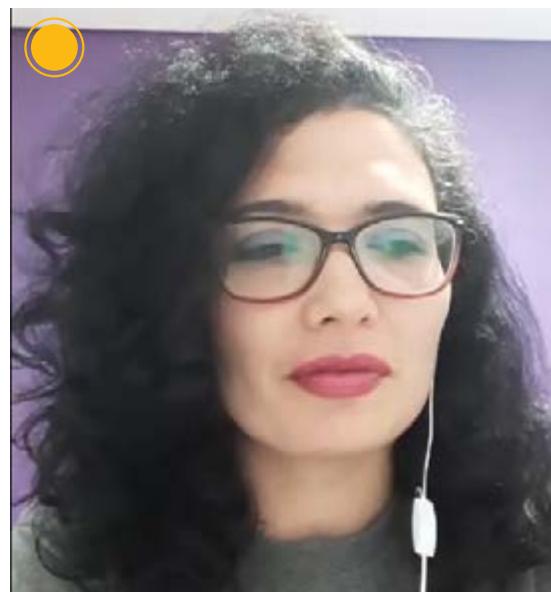
Em atividade do 6º ano, o professor Pepa pediu aos alunos que gravassem vídeos sobre como fazer uma mediatriz: novas estratégias de verificação do aprendizado.

no ambiente virtual. Para verificar o entendimento dos alunos, Pepa pergunta, passa questionários, pede que tirem fotos dos cadernos, façam vídeos – estratégias não faltam.

E, de fato, para além do conteúdo acadêmico, o uso da tecnologia pelos estudantes (desde os mais novos, ao ligar o computador e participar de *lives*, até os mais velhos, ao criar grupos virtuais, subir e baixar arquivos, produzir apresentações multimídia, etc.) é, em si, conhecimento de valor. Daí por que, segundo Pepa, após a pandemia, a escola não será a mesma. “A aula *on-line* veio para ficar”.

Já o professor de Física do Ensino Médio Marcelo Barão não tem igual entusiasmo. Talvez por uma questão etária de seus alunos – “o interesse deles em participar da aula no Zoom é inversamente proporcional à idade” –, Barão, ainda que dê ótimas aulas, não vê a hora do retorno. Mas ele vê um ponto positivo: “O trabalho do professor nunca foi tão valorizado como neste momento”.

Haja quanto houver de remoto ou presencial na escola do futuro, contudo, o aprendizado construído por alunos, pais e professores nos últimos meses – habilidades tecnológicas, sociais e emocionais – será um dos mais importantes legados da quarentena.



Mônica Lemos, coordenadora do Depto. de Inglês, e professora Larissa Wosniak, de Educação Física: vencendo o desafio de falar para a câmera.

# Ela se move

Repórter da *Galileu*, ex-aluna relembra seus anos no Vital Brazil, na USP e na Europa.

**Logo cedo, Giuliana Viggiano, 23 anos, teve duas certezas na vida: faria faculdade na Universidade de São Paulo e estudaria Jornalismo.** Ela se lembra nitidamente da primeira vez que foi ao campus da Cidade Universitária, com a tia. Tinha 10 anos. “Meu primo, que eu achava o máximo, superinteligente, estudava Química na USP, e a gente foi buscá-lo. Descobri aquele lugar incrível, enorme, com uma linha de ônibus que circulava só ali dentro. Fiquei fascinada! E olha que chovia, o tempo estava horrível”, recorda.

A certeza do Jornalismo veio um pouco mais tarde. Giuliana foi juntando a vontade de escrever – ela mantém um diário até hoje – com a percepção de que gostava de coisas diversas sem se julgar particularmente boa em nenhuma delas. “Posso ser jornalista e assim falar de várias coisas”, imaginou. O tempo provaria sua tese.

Giuliana tratou, então, de correr atrás dos sonhos. Ela sempre gostou de estudar – “sempre fui a *nerdzinha* da sala, muito competitiva” –, mas achou que precisava ser mais desafiada: deixar o colégio de bairro em que estudava e cursar o Ensino Médio numa escola que a tirasse da zona de conforto. O ano era 2012, e o Vital Brazil abria suas portas. Giuliana gostou da proposta pedagógica e logo fazia parte da primeira turma de 1ª série do Médio do Colégio.

“Tive professores de verdade. Gente que conhece a respeito do que fala, que se importa com você, com a sua aprendizagem, que vai usar todas as ferramentas que tiver à mão para ensinar. Eles têm tesão no que fazem, me marcaram profundamente, me inspiraram”, diz.

Por ironia, esse encanto seria a causa da frustração inicial da jovem com o curso de Jornalismo. Ao conquistar a desejada vaga na USP, em 2015, levou um choque ao

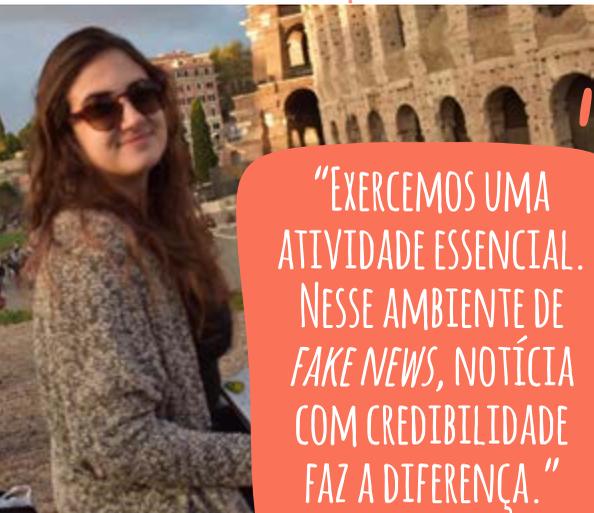
“[NO VITAL] TIVE PROFESSORES DE VERDADE, GENTE QUE VAI USAR TODAS AS FERRAMENTAS À MÃO PARA ENSINAR.”



Giuliana no dia de matrícula na USP.

se dar conta da precariedade material da universidade pública e de que não estabeleceria a mesma cumplicidade que tivera com os professores do Vital. “Foi um baque saber que não seria mais levada pela mão”. Levaria um tempo, diz Giuliana, até ela amadurecer e entender o que a universidade tinha a oferecer.

Giuliana no ano em que estudou em Roma.



“EXERCEMOS UMA ATIVIDADE ESSENCIAL. NESSE AMBIENTE DE FAKE NEWS, NOTÍCIA COM CREDIBILIDADE FAZ A DIFERENÇA.”

“Uma coisa bacana é que logo no primeiro semestre você faz um jornal-laboratório e segue com disciplinas práticas ao longo do curso: tem programa de rádio, de TV, documentário. Ou seja, você descobre logo de cara se gosta de Jornalismo ou não”. No caso dela, nenhuma dúvida. No segundo ano, Giuliana passou a responder pela diretoria de projetos da empresa júnior mantida pelos alunos do curso. Em seguida, engatou um estágio na ONG Todos Pela Educação, produzindo a *newsletter* da entidade. Na sequência, outro estágio, na redação da revista *Galileu*, da Editora Globo, em 2017. No ano seguinte, graças a um programa de intercâmbio da USP, estudou durante um ano na La Sapienza, em Roma, uma das universidades mais antigas do mundo.

Em sua estadia na Europa, aproveitou para viver experiências além da acadêmica (foi guia turística, barista, recepcionista de *hostel* e atendente num *camping* em Munique, durante a Oktoberfest). De volta ao Brasil, foi reconvocada pela *Galileu*, no início do ano passado, agora como colaboradora fixa. Como bem havia imaginado, passou a escrever sobre diversos assuntos das Ciências – mas com mais frequência sobre Astronomia, paixão consolidada graças a um curso do professor Marcelo Barão, na época do Vital.

Se ainda está certa de que o Jornalismo foi a escolha certa? “Exercemos uma atividade essencial. Nesse ambiente de *fake news*, notícia com credibilidade faz a diferença. Portanto, a resposta é sim”, garante a repórter.

Se ainda está certa de que o Jornalismo foi a escolha certa? “Exercemos uma atividade essencial. Nesse ambiente de *fake news*, notícia com credibilidade faz a diferença. Portanto, a resposta é sim”, garante a repórter.



Edição da revista *Galileu* (nov. 17) com reportagem de capa coassinada por Giuliana. [\[clique para ler\]](#)